



A PERCEPÇÃO DO TEMPO NO DEFICIENTE VISUAL

Crisálida Maria da Silva Gonçalves

cmgoncalves@gaia.ipiaget.org

Instituto Piaget

RESUMO

Neste trabalho pretendeu-se descobrir qual a percepção do tempo para um grupo de estudo constituído por dezoito (18) indivíduos de ambos os sexos, sendo treze (13) cegos e cinco (5) amblíopes. Entre todos, sete (7) tem deficiência visual congénita e onze (11) deficiência visual adquirida. As idades estão compreendidas entre os vinte e os quarenta e sete anos. O local de realização do estudo foi na Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) e decorreu no mês de Dezembro de 1999. Desta maneira, para tentarmos perceber qual o sentido do tempo para esta população, partimos dos seus testemunhos realizando entrevistas de cariz semidirectivo, sendo a metodologia utilizada para a sua descodificação a análise de conteúdo baseada em Bardin (1994). Concluímos no trabalho que percebem o tempo como sendo um tempo sério, considerando que existe uma forte relação do mesmo com actividades do quotidiano. Quando atribuem ao tempo um carácter menos sério, fica espelhada a noção que ele se assume como um prémio que lhes é oferecido de modo a ser

utilizado segundo os seus interesses, sendo através dele que o ser humano se descobre e se revela.

Palavras-chave: Tempo e Deficiência Visual.

O tempo antigamente era um símbolo de sucesso (estar ocupado, ter muitas responsabilidades, estar envolvido em muitos projectos) é hoje uma aflição, algo que não nos conduz a parte alguma, algo que perdeu todo o sentido. Assim, sendo podemos considerar que o significado do tempo é confuso entre nós. Ou seja, frequentemente nos debatemos com o problema do tempo mas raramente sentimos o que ele significa.

As várias ciências, as várias correntes de pensamento e os diversos comportamentos do ser humano procuram o seu significado. A antropologia, tentou compreendê-lo; a astronomia, tentou desvendá-lo; o lazer e o trabalho tentaram aproveitá-lo; os calendários tentaram demarcá-lo; os relógios tentaram transportá-lo; as crenças tentaram transpô-lo; com a medicina e com as actividades físicas, tentam adiá-lo, mascarando a sua identidade, tentando negá-lo (Santiago, 1999). Questionamos: então o que é o tempo?

“se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer essa pergunta, já não sei”.

(Santo Agostinho)

Para o autor o tempo é o presente das coisas passadas; visão presente das coisas presentes; presente das futuras, isto é, lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Para Santo Agostinho o tempo desenrola-se no presente, mas para que esse presente exista teria que ter havido já um passado, mas o passado que já não existe, é um passado que deixa marcas, resquícios de imagens na memória, que são recordadas no presente. O futuro para

Santo Agostinho não passa de prognósticos, realizadas tendo em conta as coisas presentes.

Esta mesma noção do tempo é corroborada por Fraiser (1998) ao considerar que o tempo se constrói a partir do presente justificando que não há mais um tempo vivido, mas é deste que se pode evocar tanto o passado como o futuro.

A ideia de que o tempo só se desenrola no presente é partilhada por Lyotard (1988) ao considerar o tempo como absoluto, isto é, o tempo passa-se apenas no presente e este não se pode apreender enquanto tal. Surge assim a ideia de um tempo indivisível, onde Zubieta (1996) não consegue conceber um tempo sem a relação com a eternidade ao considerar que o tempo, sendo determinado como presente, passado e futuro, resulta de uma sucessão infinita que não pode ter fundamento.

Outro defensor da indivisibilidade do tempo é Kant (1994) quando considera o tempo apenas com uma dimensão, definindo que os tempos diferentes são unicamente partes do mesmo tempo, e acrescenta que o tempo não é um conceito discursivo, ou universal, mas uma forma pura de intuição sensível, isto é, o tempo não é mais do que a forma do sentido interno, ou seja, da intuição de nós mesmos e do nosso estado interior.

Esta ideia vem apoiar a relação que nós fazemos de que para o mesmo tempo mecânico, este pode parecer que decorreu num ápice, ou então que demora uma infinidade.

Este sentido de tempo interior e sobre a percepção que temos dele é apoiada por Sopena (1998), o qual considera que, durante a realização de um acontecimento, este nos agrada, a sensação que temos é que o tempo parece encurtar-se, mas quando não nos interessa, o tempo se eterniza. Pela nossa experiência pessoal, verificamos que no desenvolvimento de determinadas tarefas quantas vezes afirmamos: “o tempo passou tão depressa” ou então “o tempo nunca mais passa”.

Isto verifica-se no desenvolvimento da vida do sujeito, isto é, quando se é adolescente o desejo de se tornar adulto leva o indivíduo a pensar que o tempo decorre de uma forma lenta, enquanto o contrário sucede na vida adulta na qual muita gente tenta a todo o custo retardar a passagem do tempo. Hall (1996) justifica de uma forma notória este fenómeno ao atribuir uma dessincronia entre o nosso ritmo corporal e o relógio exterior.

Neste entendimento a forma como percebemos e vivemos o tempo não é igual para todos. Santiago (1999) vai mais longe quando afirma que para o mesmo indivíduo em condições diversas, o tempo mecânico, composto de minutos, horas e dias, aparentemente iguais, não são de facto iguais. Segundo este ponto de vista podemos considerar que o tempo mecânico pode não ser o nosso tempo.

Se é imposto ao nosso mundo interior o tempo mecânico, como diz Needleman (1999), estamos a sujeitar uma parte da nossa natureza a um tempo e um compasso tão afastados do tempo do nosso corpo e dos nossos sentimentos que cada vez é menor a possibilidade de estas partes fulcrais de nós mesmos se virem a relacionar. Este problema do tempo surge porque é um tempo que nos é inculcado, mas para Fraisse (1998) o tempo pode ser dominado e construído por nós, dado que construir o tempo é uma capacidade que nos foi dada à nascença.

Sobre esta construção do tempo, Hall (1996) é categórico quando refere que modelamos a nossa vida construindo sistemas temporais. Na realidade nós começamos a construir a noção temporal desde a nascença, e até antes, e consoante o nosso desenvolvimento biológico, físico, intelectual e maturacional, associado ao meio social e cultural onde nos desenvolvemos, vamos gradativamente construindo o nosso tempo. Assim podemos considerar que a consciência do tempo, como refere Blanc (1999), começou por estar associada à percepção do movimento, não só como uma mudança de posição mas também como mudança ou alteração a que está sujeito a partir de toda a realidade, natural, física ou biológica, concluindo que o movimento planetar, associado à experiência interna da duração, constitui o fundamento da consciência temporal.

Esta noção remete-nos para a conceptualização de um tempo culturalmente determinado.

“Eu penso que um sistema temporal de uma cultura é totalmente dependente, não apenas do modo como os membros dessa cultura se desenvolvem, mas também do modo como os membros dessa cultura percebem o meio que os rodeia”.

(Hall, 1996; p.13).

Segundo este ponto de vista poderemos considerar que o tempo é um dado cultural básico que é inerente ao homem e serve como modelo indispensável para satisfação das suas necessidades. No entanto, os valores culturais também não são capazes de se manter imutáveis através do ciclo vital humano (Titiev, 1969). Vivemos numa sociedade onde as inovações científicas e tecnológicas evoluem cada vez mais obrigando-nos a constantes adaptações, implicando com isso alterações à nossa forma de estar e ver o mundo.

“... o tempo somatiza-se, ganhando forma no homem, servindo muitas das nossas práticas diárias, aquilo que se denomina vulgarmente por pequenos rituais domésticos, para iludir o outro do tempo que temos” (Bento, Garcia e Graça, 1999; 124)

Assim sendo, o homem fica condicionado ao tempo e subordinado às obrigações diárias, aos ritmos impostos pela sociedade. Isto leva-nos a uma dimensão de tempo social, que Santiago (1999) preconizou em duas áreas diferentes: a identitária e a imaginária. Acontece que o primeiro é o tempo que vulgarmente conhecemos através dos calendários, dos dias, dos meses, um tempo tendo sempre em conta os movimentos cósmicos. O segundo é o “tempo do sentido”, isto é, um tempo repleto de significados. Existe entre estas duas dimensões uma relação de reciprocidade, que é o se verifica na relação social.

“O tempo do representar social, aqui entendido como o tempo representado tal e qual é, somente o aspecto do momento. É o tempo onde os indivíduos instauram o tempo identitário e o imaginário, pois este tempo existe a partir do fazer social, a fim de representar o tempo do fazer social” (Santiago, 1999; p. 42).

A elaboração de noções temporais para o ser humano está relacionada com a sua forma interior de perceber o tempo, mas também está relacionada com a sua interação no mundo. Como diz Santos e Aurette (1992), o ser humano constrói o mundo

a partir das suas relações e, através da sua mente, edifica uma nova estrutura que pode modificar a compreensão e a visão das coisas da experiência comum. Antes de Copérnico, a ideia vigente era de que a Terra era fixa e de que sobre ela se construía toda a estrutura do Cosmos. Com os seus estudos reconheceu-se a teoria heliocêntrica, isto é, um Sol “fixo” à volta do qual giravam os planetas. Com esta alteração surge também a mudança do referencial nas medições do tempo e do espaço. Este conceito de referencial é defendido pelos autores como sendo o sistema de posicionamento que utilizamos quando nos referimos a uma certa distância num certo tempo. Aqui o tempo surge de uma forma objectiva, com uma vertente mensurável. Esta ideia é defendida por Brota (1988) quando considera que a noção de tempo esteve sempre associada a duração, o movimento, a velocidade ou aceleração, considerando que o tempo é aquilo que se mede com os relógios. Esta é também uma visão defendida por Einstein, sendo para ele o tempo aquilo que o relógio indica. No entanto, com a sua Teoria da Relatividade, considera que o tempo também é relativo. Esta ideia é contra à de Newton, pois este considera que o tempo surge como um tempo absoluto.

“o tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e pela sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com cada exterior, e chamamos-lhe duração. O tempo relativo, aparentemente e comum, é uma medida sensível e exterior... da duração por meio do movimento, que é comumente usada em vez do tempo verdadeiro” (Mora, 1978; p. 391).

Esta visão de Newton leva-nos à imutabilidade do tempo, isto é, todas as coisas podem mudar, mas o tempo, esse nunca muda. Isto equivale a dizer que cada observador pode determinar os intervalos de tempo independentemente da posição do observador em relação ao referencial. No entanto, todas estas ideias nos ajudam a construir o nosso próprio pensamento sobre o tempo. Como diz Santiago (1999, p. 36):

“Os achados de Einstein não eliminam os de Newton, assim como os filósofos contemporâneos não eliminam Kant, Hume, São Tomás,

Santo Agostinho ou até mesmo o mais distante Aristóteles. Portanto, qualquer tentativa de descrever o tempo do universo visível, do jeito que ele se apresenta à percepção, aos sentidos, sem a utilização de instrumentos e não conhecem ou não deixam de lembrar a sua existência...”

Convenhamos que este é um tema polémico, pois cada um tem a sua forma peculiar de sentir, de viver e interpretar o tempo.

No caso do deficiente visual, essa interação pode ocorrer de forma semelhante à das pessoas normovisuais, desde que se sinta aceite e compreendido pelas pessoas que o envolvem e pelo acolhimento de que é objecto como parte integrante da sociedade e também pela forma como esta lhe dá a oportunidade de ele desenvolver o seu potencial (Paiva, 1997).

Se pensarmos que à pessoa deficiente lhe é negada a sua participação activa no grupo social, nomeadamente, através do trabalho, e sendo este um valor muito importante do nosso tempo (Garcia, 2000), podemos pensar que a pessoa com deficiência tem muito tempo “livre”, mas:

“o homem, para a sua sobrevivência, tem necessidade de produzir, e consequentemente de trabalhar.” (Moura e Castro, 2000, p. 88)

No que concerne ao deficiente, este está inserido num meio no qual a concorrência do trabalho é feroz, sendo muitas vezes preterido devido ao facto de ser portador de deficiência.

“A pessoa com Necessidades Especiais, hoje em dia, encontra no mundo do trabalho, cada vez mais competitivo, muitas limitações impostas para além das que são inerentes às suas próprias dificuldades”. (Moura e Castro, 2000; 90)

Verificamos, assim, que existe uma forte relação entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho, sendo a qualidade de vida do indivíduo dependente desta dualidade. O trabalho é uma necessidade básica, não só para o progresso social, mas também como uma afirmação para a autonomia e subsistência do indivíduo. Neste percurso, a ausência dessa actividade pode provocar desajustes emocionais, psicológicos, no sujeito desempregado. Daí a importância da elaboração de uma nova concepção de tempo livre, que leve o indivíduo a valorizar outras actividades por ele antes menosprezadas.

“tem que ser aquele tempo em que ele percebe que a sua deficiência não o impede de ocupar o seu lugar na sociedade”. (Garcia, 2000; p. 55)

Nesta sequência de ideias, podemos pensar que a pessoa com Necessidades Especiais tem muito “tempo” disponível. Tempo esse que não será devido, muitas vezes, a uma opção, mas sim a uma condição. Logo, o equilíbrio dos vários tempos deverá ser analisado em cada caso, tendo em conta o indivíduo, mas também o meio em que se encontra e desenvolve a sua actividade.

Assim a ideia principal deste estudo foi analisar a percepção do tempo e verificar a sua importância na pessoa deficiente visual. A questão que nos impulsionou na realização do estudo criterioso foi: o que é o tempo para um deficiente visual?

Numa fase inicial pretendeu-se procurar entender melhor o universo do deficiente visual através de investigação bibliográfica e de campo, por intermédio dos contactos com a ACAPO, de modo a determinar o grupo de estudo. Pediu-se autorização para a realização do estudo, depois de se verificar a viabilidade do trabalho. Para a determinação dos objectivos, utilizámos entrevistas de cariz semidirectivo, que decorreram durante o mês de Dezembro de 1999, tendo como palco a referida Instituição. O grupo de estudo foi constituído pelos indivíduos cegos e amblíopes do sexo masculino e feminino com idades compreendidas entre os 20 e os 47 anos que frequentaram a ACAPO. Convidamos o grupo de estudo a responder, pelas suas palavras, a um conjunto de questões, de acordo com o objectivo da investigação. As entrevistas foram anónimas e sem duração preestabelecida. Utilizámos o gravador para a recolha dos dados, sendo estes mais tarde

passados para o papel e analisados. Uma das entrevistas foi transcrita a pedido do entrevistado, sendo lida no final pelo entrevistador.

Numa fase seguinte, procedeu-se a uma leitura mais aprofundada, de modo a retirar dos textos obtidos o significado do discurso dos entrevistados. Após este procedimento em todas as entrevistas fez-se o agrupamento de todas as descrições, cujos significados fossem idênticos.

O último passo na análise das entrevistas foi a elaboração de temas, através da junção dos aspectos comuns dos significados.

Para a execução do nosso estudo recorreremos à análise de conteúdo Bardin (1994; p. 42) que o define como sendo:

“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”

Neste trabalho colocamos o estudo numa abordagem exploratória, sem recorrer a um conjunto de hipóteses pre-estabelecidas, deixando o corpus do trabalho revelar-se.

Na Análise de Conteúdo a questão da codificação é central. Assim, a organização da codificação passa, como refere Vala (1986), pela escolha das unidades de análise e pela escolha das categorias. Assim o sistema de categorias definidas para este trabalho foram baseadas em Garcia (2000) sendo:

A -Tempo quantitativo ou tempo sério (preestabelecido pelo trabalho)

B -Tempo qualitativo ou tempo não sério (onde o Homem se entrega a si mesmo).

Análise e discussão dos resultados:

Categoria A:

I – Ter tempo é saber geri-lo

- *“Acho que ter tempo é gerir o tempo.”*
- *“Por vezes pede-se mais tempo do que se deve em determinadas coisas...”*
- *“... mas as pessoas gastam umas de uma maneira e outras de outra. Vamos organizando o tempo conforme as situações vão aparecendo.”*
- *“...há pessoas que conseguem arranjar tempo para fazerem muitas, muitas coisas...”*
- *“Ter tempo é quando fazemos as coisas com calma, nada de correrias..”.*
- *“É muito importante para a realização das tarefas que temos que fazer.”*
- *“Podemos estar a contar em fazer determinada coisa num determinado dia da semana, entretanto surgiu outro assunto...”*

A ideia de gestão de tempo, leva-nos a imaginar que nós temos domínio sobre o tempo, que podemos actuar sobre ele e o modificar a nosso belo prazer. Essa ideia é partilhada por Needleman (1999, p.150), que diz que *“podemos tentar mudar a qualidade do tempo – isto é, a qualidade das nossas vidas exteriores”*. Neste sentido, podemos pensar que dominamos o tempo, que ele nos pertence como diz Fraisse (1998), mas, existe um tempo para a realização das tarefas, o qual nós associamos vários tempos do dia, da semana e do mês e do ano. E esse tempo é um tempo determinado pela cultura onde o indivíduo está inserido, isto é, *“diferentes culturas vivenciam diferentes formas de marcar e considerar o tempo”* Gebara (s.d, p. 1). A ideia de tempo cultural é também dada por Hall (1996, p. 11), ao considerar o tempo como *“factor de síntese e de integração e meio de estabelecer prioridades e de ordenar o material que nos é fornecido pela experiência; como mecanismo de controlo reactivo sobre o curso dos acontecimentos que se produzem, padrão que permite avaliar a competência, o esforço, o êxito; e, enfim, como sistema de mensagens particulares revelando a maneira como os indivíduos se percebem mutuamente, mostrando se é possível combinarem-se entre si”*. Deste modo, essa “manipulação” do tempo está de uma certa forma padronizado pela cultura.

II – O tempo é ocupação

- “Tenho um espaço e nesse espaço posso fazer alguma coisa e esse espaço é o tempo.”
- “Ter tempo para fazer algo.”
- “...ter tempo para fazer as coisas.”

Estas afirmações, confirmam a ideia defendida por Garcia (2000), que considera o tempo sério aquele directamente ligado ao trabalho, à acção. Neste sentido, o tempo implica o movimento, como diz Blanc (1999, 122): “a consciência do tempo começou por estar associada à percepção do movimento, entendido não apenas como deslocação de lugar, mas ainda e sobretudo como mudança ou alteração, a que está sujeita toda a realidade natural física ou biológica”.

Esta mesma ideia é partilhada por Tsiaras (s.d.) que considera que tempo é um período o qual uma acção ou evento ocorre.

III – O tempo Mecânico

É o tempo considerado standar, sendo baseado no tempo solar

- *O dia tem 24 horas...*
- *... acho que o dia tem as mesmas horas para toda a gente.*
- *...cientificamente o tempo é sempre o mesmo...*
- *...ter tempo, toda a gente tem,...*

Assim,, como diz Tsiaras (s.d.), a passagem do sol nos céus desde muito tempo atrás tem servido como medida do tempo, sendo as 24 horas a escala universal aceites por uma grande parte da população terrestre. Neste, sentido Blanc (1999, p.125) considera que: “o relógio, o calendário contribuíram de modo decisivo para a formação de um quadro temporal objectivo, universal que, suprimindo as discontinuidades do tempo subjectivo, de índole qualitativa, coordenasse entre si as diferentes escalas e ritmos da vida social com os ciclos do mundo exterior”.

Deste modo, a noção de tempo aparece-nos de uma forma linear e uniforme, é aquele tempo mecânico medido pelos relógios, defendido por Newton, Brota (1988) e muito outros ligados às ciências ditas exactas.

VI - Cada vez se tem menos tempo.

- “*Eu acho que acima de tudo cada vez menos, se tem tempo.*”
- “*Por um lado gostava de ter mais tempo para não andar sempre a dizer...*”
- “*...que é pouco.*”
- “*Normalmente o que tenho,...*”
- “*..., quando tenho algum,...*”
- “*Eu não tenho muito tempo livre...*”

A vida do ser humano cada vez mais se tornou, atarefada, com muitas responsabilidades familiares, sociais, laborais e outras, o que acarretou um acréscimo nas ocupações de Homem, sentido a necessidade de como diz Nedleman (1999, p. 70): “*a maior parte de nós anseia por ter mais tempo*”. Mas esta necessidade de ter mais tempo, vem de encontro com a ideia defendida por alguns entrevistados que “*ter tempo é saber gerir o tempo*”. Assim, podemos concluir, que a esta falta de tempo está associada uma má gestão do mesmo. Vivemos numa época em que há uma crescente evolução científica, médica e tecnológica, o que proporciona um aumento na qualidade de vida do indivíduo, unido a uma maior exigência ao desenvolvimento intelectual em detrimento do trabalho braçal. Esta mesma ideia é defendida por Moura e Castro (2000, p. 88) que considera: “*em termos da corporalidade o homem nas suas tarefas diárias de trabalho está a diminuir suas capacidades. Nesta situação uma vez que o trabalho se torna cada vez mais intelectualizado e automatizado, o homem ser corporal, sente necessidade de encontrar ocupações que estabeleçam o equilíbrio de que necessita*”.

Assim, podemos pensar que os nossos entrevistados que referiram, que cada vez têm menos tempo, sintam uma necessidade imperiosa de se manterem ocupados com um conjunto de actividades que os levam não ao estabelecimento do equilíbrio referido por Moura e Castro (2000), mas a uma perda do controle do seu “Eu”, levando-os a viver um tempo que não é o deles, daí considerarem que este não é suficiente. Como diz Nedleman (1999, p. 72): “*A nossa relação com o tempo está como está porque mentimos constantemente a nós próprios acerca do que somos, do que podemos e não devemos fazer*”.

Categoria B

I - Ter tempo, é ter a possibilidade de concretizar o que se deseja, isto é, ter tempo é dispô-lo como se quer.

O tempo, visto deste modo, surge de uma forma sentida, isto é, como se este fizesse parte de nós, ele surge como um prémio que nos é dado, de modo a ser utilizado segundo os nossos interesses.

- *“O tempo é algo que eu posso ter, pode ser o meu prémio para eu fazer o que eu quero...”*
- *“...termos a possibilidade de concretizar as coisas que queremos, os nossos objectivos...”*
- *“...para eu fazer o que eu quero,...”*
- *“Ter oportunidade de fazer o que nos apetece,...”*
- *“É não estar controlado por horas,...”*
- *“Ter tempo é não ter um certo e determinado número de obrigações.”*
- *“...não olhar muito as horas.”*

Assim, aparece uma nova consciência do tempo, onde é através dele que o ser humano se descobre, se revela, ou seja é através dele que vive.

- *“O tempo é o passar da vida. Ter tempo é viver.”*
- *“é o que uma pessoa pode ter... Hoje eu tenho tempo para mim...”*
- *“...apreciarmos as coisas boa da vida, dar valor a essas coisas.”*

Neste sentido, Needleman (1999, p. 80), considera que: *“vivemos as nossas vidas, pensamos, sentimos e agimos, na superfície de nós mesmos, na superfície de uma imensidão que se a fôssemos por à prova, responderia a todas as nossas questões e acabaria com todo o sofrimento das nossas vidas”*. Assim, torna-se importante valorizar o tempo e isso implica valorizar a nós próprios, procurar as verdadeiras riquezas que a vida nos pode oferecer para encontrarmos a verdadeira felicidade. Quantos de nós estão à procura da felicidade, esperando que algo exterior aconteça, para sermos felizes, estamos quantas vezes à espera do momento que há-de vir em vez de o vivermos, é por essa razão que Needleman (1999, p. 82) diz que: *“esbanjamos o nosso tempo, porque não nos recordamos a verdade acerca de nós mesmos ou do mundo que nos rodeia”*. Esta mesma ideia é partilhada por Hall (1996, p. 273), que considera: *“o tempo é o único bem que*

temos nesta vida; e creio que a vida poderia ser mais rica e ter mais significado se cada um soubesse mais sobre o tempo e como ele afecta pessoalmente”.

Cegos versus Amblíopes

Verificamos que um número elevado de resposta do grupo de estudo amblíope, referiu que ter tempo é ter a possibilidade de concretizar o que se deseja, isto é, ter tempo é dispô-lo como se quer.

- *“O tempo é algo que eu posso ter, pode ser o meu prémio para eu fazer o que eu quero...”*

Mas, a forma como se age e se manipula o tempo é determinado por toda uma bagagem que o indivíduo trás, a nível cultural, biológico, psicológico e social. Assim, *“a orientação dos indivíduos em relação à construção dos campos temporais dá-se inclusivé ao nível da subjectividade e, de acordo com esta, eles organizam-se no mundo interagindo com ele”* (Santiago, 1999; p. 43). No que diz respeito, ao tempo como sendo ocupação, o maior índice de respostas foram dadas por amblíopes.

Só um dos elementos amblíopes é que referiu que cada vez se tem menos tempo:

- *“Às vezes quando estamos com pressa nós não temos tempo para nada...”*

Aqui, encontra-se patente a ideia de Needleman (1999, p.11), quando diz: *“vivemos num mundo onde somos obrigados a assumir demasiadas responsabilidades, a tomar demasiadas decisões e a dizer sim a demasiadas oportunidades. Ao fim de quase um século de invenções destinadas a poupar tempo, vemo-nos privados do nosso próprio tempo”.*

Por sua vez existe, também uma resposta dada por um elemento do grupo amblíope designando o tempo, como sendo:

- *“O tempo é o passar da vida... Ter tempo é viver”*

Com esta resposta, surge a ideia que o tempo é uma construção interna, isto é, a nossa vida só é vivida e construída por nós próprios, assim, como diz Fraisse (1998), o

domínio e a construção do tempo são características que nos foram inculcadas desde a nascença.

No que concerne à designação do tempo mecânico, das horas, dos minutos e segundos, assim como, para se ter tempo só preciso geri-lo, verificamos que só os indivíduos cegos é que referiram estes pontos.

Deficiência visual congénita versus deficiência visual adquirida

Para a conceptualização de tempo, verificamos que os indivíduos deficientes congénitos consideram que, ter tempo é saber geri-lo e o tempo é o tempo científico de horas, minutos e segundos, ao passo que o outro grupo não referiu nenhum destes pontos.

Na designação: ter tempo é ter a possibilidade de concretizar o que se deseja, isto é, dispô-lo como se quer, ambos responderam com um conjunto de frequência similar.

Os deficientes visual adquirida, designaram o tempo como sendo uma ocupação, que foi pouco referido pelos outros entrevistados. Verificamos que ao considerarem o tempo como ocupação, podemos concluir que, quem concebe dessa forma considera-o um tempo sério, como diz Garcia (2000, p.52): “ *a qualificação do tempo é-nos dada pela tradição cultural a que estamos submetidos. E na nossa tradição, desde pequenos que ouvimos dizer que há dois tempos: o sério – ligado ao trabalho - e não sério – o da brincadeira...* ”.

Como o tempo para este grupo é ocupação, não nos surpreende que consideram que cada vez têm menos tempo, sendo que muito poucos elementos com deficiência visual adquirida referiram este facto. Confirmando assim, os resultados obtidos anteriormente, onde o índice de referências foi muito baixo por para destes elementos do grupo de estudo, na designação de tempo como ocupação.

Concluimos que, os nossos entrevistados, percebem o tempo como sendo um tempo sério, existindo uma forte relação do mesmo com as actividades do quotidiano, ou seja, o tempo sofre uma forte influência cultural, sendo designados por alguns dos nossos entrevistados como uma ocupação, acarretando que cada vez se tem menos tempo. Este

facto levando-nos a concluir que, os indivíduos do nosso grupo de estudo sentem a necessidade de se manterem ocupados. Quando atribuem ao tempo um carácter menos sério, fica espelhada a noção que ele se assume como um prémio que lhes é oferecido de modo a ser utilizado segundo os seus interesses, sendo através dele que o ser humano se descobre e se revela.

As diferenças entre cegos e amblíopes situaram-se, na gestão do tempo e no tempo mecânico, pois nenhum amblíope concebe o tempo desta forma., para eles o tempo é o dispô-lo como se deseja, o que nos leva a concluir que o cego concebe o tempo como sendo sério e os amblíopes com sendo não sério.

No que respeita aos indivíduos deficientes congénitos e dos adquiridos, verificamos que os últimos o consideram como ocupação, o que nos leva a concluir que também o concebem como um tempo sério.

Bibliografia

Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.

Bento, J.; Garcia, R. e Graça, A. (1999). *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Lisboa. Livros Horizonte.

Blanc, M. F. (1999). *A Metafísica do Tempo*. Lisboa. Instituto Piaget.

Brota, A. (1988). *O Essencial Sobre a Teoria da Relatividade*. Lisboa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Fraisse, P. (1998). El Tiempo Vivido, in *Apunts*. N.º 53. p. 7-9.

Garcia, R. (2000). Contributo para uma Conceptualização do Tempo Livre para Pessoas Portadoras de Deficiências, in *Actas do Seminário: A Recreação e Lazer da População com Necessidades Especiais*. Porto, Câmara Municipal do Porto. p. 49-55.

Gribbin, J. (1979). *A trama do tempo*. Mem Martins. Forum da Ciência – Publicações Europa América.

Hall, E. T. (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa. Relógio D' Água.

- Hall, E. T. (1994). *A Linguagem Silenciosa*. Lisboa. Relógio D' Água.
- Hall, E. T. (1996). *A Dança da Vida: A outra Dimensão do Tempo*. Lisboa. Relógio D' Água.
- Kant, I. (1994). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lyotard, J. (1988). *O Inumano: Considerações Sobre o Tempo*. Lisboa. Editorial Estampa.
- Mora, J. F. (1978). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Moura e Castro, J. A. (2000). O Conceito e as Instituições na Ocupação dos Tempos Livres da População com Necessidades Especiais – Nova Via, in *Actas do Seminário: A Recreação e Lazer da População com Necessidades Especiais*. Porto. Câmara Municipal do Porto. p.87-96.
- Needleman, J. (1999). *O pequeno livro do tempo*. Lisboa. Bizancio.
- Paiva, J. D. (1997). Mobilidade – O Deficiente Visual. Algumas Considerações para o Conhecimento da sua Personalidade, in *Impressões Beira Aguieira*. N.º 2. p 1-3.
<http://www.ep-beira-aguieira-mtg.rcts.pt/mobilid.html>

Santiago, L. V. (1999). *Os Valores Orientadores das Práticas Desportivas em Grupos Emergentes da Terceira Idade: Um Estudo sobre as suas Construções Simbólicas*. Porto. F.C.D.E.F.

Santo, A. (1999). *Confissões*. Braga. Livraria A. I..

Santos, A.M. e Aurette, C. (1992). *Eddington e Einstein: Verificação Experimental da Teoria da Relatividade Generalizada na Ilha do Príncipe*. Lisboa. Gradiva.

Sopena, R. B. (1998). La Percepción del Tiempo en la Actividade Deportiva, in *Apunts*. N.º 53. p. 83-90.

Titiev, M. (1992). *Introdução À Antropologia Cultural*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Tsiaras, A. (s.d.). *Atomic Clock*.

http://205.160.244.10/~vnn2/TIME_ht.htm

Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo, in *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto. Edições Afrontamento.

Zubieta, C. G. (1996). *El Valor del Tiempo: Introducción a Kierkegaard*. Barcelona. PPU.